

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME II-III



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1960-61

razões deveria ter sido referido. Trata-se da comunicação que em Abril de 1944 esse ilustre arqueólogo apresentou ao «Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia» e cujo resumo foi publicado em 1948. Aí se afirma: «No estado actual da ciência não é possível aceitar a origem africana do grimaldense de Rio Maior. E porque ele é a base do tardenoisense de Muge (Ribatejo) onde se encontram as ossadas do *Homo taganus*, concluiremos finalmente que as recentes investigações não autorizam a origem africana desta indústria, antes apoiam a filiação europeia dos nossos mais remotos antepassados» (*Ethnos*, III, 494).

Nestas conclusões refere-se também o Rev.º Jean Roche aos outros concheiros existentes no país. Note-se a omissão do concheiro situado junto da lagoa da Albufeira, que é referido por Carlos Ribeiro na sua *Descrição dos Terrenos Quaternários nas Badas do Tejo e do Sado*, e, para o concheiro de Santo Antão, perto de Óbidos, reporta-se apenas o autor ao estudo de Carrington da Costa, publicado em 1940, intitulado *Evolução do Meio Geográfico na Pré-História de Portugal* («Congresso do Mundo Português», I.º vol.). Ora referem-se-lhe igualmente P. Choffat no seu estudo publicado em 1892 *Sur Une Station Préhistorique à Óbidos et sur la Dispersion de l'Ostrea Edulis aux Temps Préhistoriques* («Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», Tomo II, fase. 2) e Alberto A. Girard num artigo aparecido em 1916 sobre *A Lagoa de Óbidos* («Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal, Tomo XI).

Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião é portanto um valioso trabalho que à arqueologia portuguesa oferece um contributo importante e deveras seguro. Sem exagero, consideramo-lo um dos mais notáveis trabalhos do seu género publicados nos últimos tempos entre nós.

FERNANDO CASTELO-BRANCO

LOUIS-RENÉ NOUGIER, *Géographie Humaine Préhistorique* (Collection «Géographie Humaine», n.º 31). Paris, Gallimard, 1959. 1 vol. de 325 pp.. 11 gravuras. 16 fotogravuras «hors texte».

Sabe-se que a formação universitária dos geógrafos franceses é eminentemente histórico-geográfica e que no conto das disciplinas que enformam os programas, as de natureza histórica são das que mais contam. Não admira pois que uma estreitíssima ligação exista entre os historiadores e os geógrafos e o mesmo se expresse nas obras de ambos.

Não será descabido ilustrar tais afirmações com exemplos mais que frizantes, como o de um Mestre, criador de uma Escola de extensa aceitação: Vidal de La Blache. Historiador de formação, veio a ser um dos mais argutos geógrafos da França, senão o primeiro de todos. Aliou ao profundo conhecimento historiográfico um extraordinário arsenal de conhecimentos geográficos colhidos nas suas excursões e viagens de estudo pelo mundo, conhecimento e experiência que legou, quer através

das suas lições, nas cátedras que ocupou, quer em páginas notáveis onde é difícil distinguir entre a aguda visão dos problemas e a elegância do estilo. Pode o Doutor Fernandes Martins afirmar com propriedade e autoridade — como tradutor de uma das suas obras mais célebres, embora de publicação póstuma —, que ao lê-lo se está perante um autêntico «clássico» da língua francesa. La Blache corresponde ao caso extremo do historiador que terminou a sua vida como geógrafo e Professor de Geografia.

Poderemos porém acrescentar os exemplos de Lucien Febvre e Marc Bloch, historiadores a quem tanto deve a Geografia Humana. O primeiro, desenvolvendo brilhantemente o que o espírito arguto de Michelet largamente deixara entrevisto das relações íntimas entre o processo histórico e a Geografia, saindo à liça na defesa da individualidade e autonomia da Geografia Humana contra as pretensões dos sociólogos e morfólogos-sociais da escola de Durkheim e Mauss; o segundo, abrindo novos horizontes e caminhos à investigação da génese e evolução das paisagens humanizadas.

Dentre os geógrafos, apontaremos um Demangeon, que no esforço da definição do objecto e método da Geografia Humana, enunciou como terceiro princípio básico deste, a necessidade de considerar a «evolução dos factos», o que com Jean Brunhes se poderia chamar o «princípio da actividade» dos factos geohumanos. Com esse intuito recomendava insistentemente a investigação dos arquivos históricos, frisando que «o geógrafo não deve contentar-se com situá-los (os factos de Geografia Humana) racionalmente no espaço; é preciso também que os projecte no passado (Problèmes de Géographie Humaine).

E esse extraordinário e malgrado Jacques Ancel, cuja profundidade de conhecimento dos factos históricos lhe permitiu algumas das páginas mais brilhantes e agudas de alguns dos problemas mais importantes da Geografia Política, em especial o problema da fronteira, e no tempo em que uma poderosa máquina de propaganda desvirtuava e levava ao extremo os conceitos nacionalistas de certo sector do pensamento europeu de entre as duas Grandes Guerras, obrigando-o, por amor à verdade científica, a enfrentar essa grande montagem política, de que afinal veio a sofrer as consequências fatais, tomando-se, independentemente de mais, um mártir daquela mesma verdade e da sua Pátria.

Poder-se-ia aumentar a lista, em que sòmente alguns nomes já registados no indelével livro da morte quisemos citar.

Louis-René Nougier, o Autor do livro de que nos permitimos modestamente hoje ocupar, é por seu turno um caso muito especial, dentre outros possivelmente existentes, que bem ilustra também as afirmações iniciais destas nossas palavras. É que o Professor Nougier, «qui occupe la seule chaire d'archéologie préhistorique de France», exactamente na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Toulouse, começou por ser geógrafo. Assim, enquanto La Blache foi um historiador que se tornou brilhante Professor de Geografia, L.-R. Nougier é um geógrafo que se tomou um brilhante Professor de Pré-História. Essa formação, como se procurará fazer ressaltar, bem se evidencia nesta sua obra.

Se acaso qualquer leitor medianamente iniciado nas coisas da Geografia e, sobretudo, das suas relações íntimas com a evolução dos factos humanos ao longo

dos séculos, ao ler este livro não soubesse previamente da raiz geográfica da formação do seu Autor, sem dúvida que suspeitaria do facto ou pelo menos era forçado a reconhecer o carácter peculiar que uma cuidada aplicação dos métodos geográficos dá a uma exposição desta natureza. Seria certamente levado a pôr a hipótese dessa preocupação e mesmo a notar o alto nível conseguido nesse sentido.

Se à primeira vista, e de uma leitura menos cuidada, talvez ressalte, como impressão fulcral, a extraordinária informação pré-histórica de que está cheio, o que pode levar a considerar a obra como constituindo essencialmente uma elegante e interessante revisão da problemática da Pré-História, em especial europeia ocidental e primordialmente da área correspondente à moderna França, até à data da publicação, o que não há dúvida é que se impõe ver que o Professor Nougier foi bem mais longe, pois que, em nosso humilde entender, toda a riqueza dessa informação — que, aliás, embora nos faleça autoridade na matéria, me permito dizer «manipula» com o extraordinário âvontade de profundo conhecedor — é sujeita a um esquema lógico em que, processualmente perfeito, se vê a direcção metodológica das circunstâncias de espaço e sua evolução. Assim, não nos custa afirmar que nesta obra e de modo notável, os quadros culturais são-nos sempre dados através e na conjuntura geográfica coeva. A evolução daqueles cifra-se sempre na interdependência dos factos de natureza física e humana. A lição de Demangeon — o seu «meio geográfico» e a sua evolução — é demonstrada com a segurança de quem se habituou ao exaustivo exame dos mais pequenos pormenores factoriais e assim pode discernir dos mínimos cambiantes indicadores as hipóteses que depois, a par da não menos exaustiva, erudição e rara visão cartográfica, conduzem à serenidade duma estrutura da reconstituição. A Paleogeografia — a própria discussão dos seus conceitos, dos seus métodos e dados — é feita a par e passo na íntima ligação com os estádios correspondentes dos quadros humanos.

Justifica-se plenamente o título da obra e a sua inclusão numa colecção de trabalhos de Geografia Humana, e nem todos os volumes desta, a nosso ver, encerram, de direito próprio, tanta razão para isso, como este seu n.º 31.

Permita-se, porém, que procuremos justificar as nossas afirmações pondo em evidência alguns aspectos focados no excelente trabalho do Professor Nougier.

Infelizmente, e como atrás já frizámos, falece-nos a autoridade para podermos avaliar com plena segurança o valor da matéria exposta, do ponto de vista do conhecimento dos factos humanos pré-históricos. Podem os especialistas dividir-se, ou unir-se, na apreciação dos conceitos e hipóteses que o Professor Nougier apresenta, pois tal lhes cabe. Por mim, estar-me-á sempre vedada, senão pelo respeito pela Ciência, pelo menos pelo que me merece o «curriculum» do Autor, a sua larga experiência de investigação arqueológica directa, a extensa bibliografia indicada, recheada de nomes de crédito mundial, apesar de restrita, pois se limita — segundo o próprio Professor Nougier o afirma em nota liminar — às principais obras de que se serviu esclarecendo todavia que «Les travaux baignés de l'esprit géographique y prennent volontiers le pas sur les travaux purement archéologiques».

Poderei, porém, notar índices seguros do alto interesse de que certamente se reveste esta obra para os pré-historiadores e, evidentemente, em especial, para os estudantes de Pré-História.

Bastaria talvez a denunciada preocupação que se põe a claro na «Introduction» e no primeiro capítulo, «Les cadres traditionnels de la Pré-histoire», de revisão dos estudos de Pré-História, dos seus métodos, sobretudo os problemas da busca de uma cronologia absoluta e a importância que dá aos métodos postos ao alcance da investigação pelas modernas técnicas laboratoriais no sentido de cada vez mais se alcançar essa finalidade, o que ao longo dos capítulos seguintes é constantemente expresso. Mas foi ainda mais longe a preocupação. Como encarou o Professor Nougier a necessidade de revisão dos quadros tradicionais ? Mero capricho de nova arrumação, ou, como nos pareceu, consequência duma análise mais profunda dos dados recolhidos, sobretudo em função da determinação possível da extensão dos diversos tipos culturais registados, e, por esse motivo, evidenciação das linhas evolutivas, dos parentescos, das mutações sofridas? Tudo afinal cuidadosamente buscado conjuntamente com a interpretação paleogeográfica, não só dada pela análise puramente física das áreas, genética e morfológicamente consideradas, mas ainda nas estimativas paleo-fit o-climáticas e paleo-faunísticas, nas quais os quadros etno-sociais se poderão ter enquadrado.

Só assim se poderá compreender que Louis-René Nougier não regeite completamente esses quadros tradicionais, mas sim procure integrá-los em esquema mais significativo, porque mais condizente com uma atitude explicativa duma evolução global, de nítido sentido etno-social. Daí as correcções que aponta, as extensões e as integrações que faz.

Há sobretudo um carácter comum orientador de toda a exposição que nos permite a afirmação acima: a preocupação de reconstituir o género de vida dos grupos portadores das diferentes culturas referenciadas e a respectiva evolução não só no plano espacial como no temporal.

O conceito de «género de vida», que se deve na sua estrutura a Vidal de La Blache — embora tenha sido aflorado por Ratzel — tem sobretudo um valor excepcional na consideração do «meio geográfico» das culturas primitivas. Definido pelo Mestre francês nos fins do século xix, princípios do século xx, não deixou de ter importância nos estudos da Geografia Humana, embora em breve se reconhecesse a complexidade de que se revestia quando, caminhando no tempo, se procurava analisar entre as civilizações evoluídas. É disso testemunha o esforço de adaptação feito por Max Sorre em alguns dos seus escritos, quer específicos, quer de âmbito geral da matéria.

A sua aplicação é nesta obra levada a tão apurado grau que, como se disse, nos parece ser esse o carácter orientador da estrutura explicativa. Disso decorre o seu interesse geográfico.

Os problemas do «habitat», intimamente ligados aos quadros fisiográficos: natureza do terreno, condições climáticas, formas ecológicas, fornecem dados que explicam os géneros de vida e estes justificam e explicam por sua vez os quadros arqueológicos que as explorações vão trazendo à luz.

A cuidada observação do material lítico, ou outro, descoberto, as conjecturas acerca das técnicas utilizadas na sua confecção, por exemplo, o estabelecimento das relações entre o volume dos materiais, a técnica da sua execução e as técnicas da sua utilização por um lado, e por outro, o quadro tradutor do género de vida segundo

a satisfação das necessidades de subsistências em função dos níveis demográficos, correlativos das condições naturais do ponto de vista faunístico e florístico, tudo transparece como preocupação metodológica.

Notável ainda o afloramento dos problemas capitais que estão na base da génese da chamada «arte» pré-histórica, através das hipóteses interpretativas ligadas à des-trinça entre períodos de maior ou menor preocupação no capítulo da subsistência dos grupos, sem dúvida de feição nitidamente materialista na aceitação duma génese do magismo para as representações rupestres, sobretudo, sem deixar de reconhecer, por exemplo uma expressão preferentemente mais gratuita em certas formas mais cuidadas, ou de nítido sentido ornamental, de alguns materiais arqueológicos registados.

Por tudo isto, a leitura da obra do Professor Nougier da Universidade de Toulouse, é, a nosso ver, de um largo interesse e estulta pretensão seria a nossa querer-mos aqui abordar, ou melhor, sintetizar tudo quanto nela se nos afigura digno de cuidada reflexão. Lê-la-ão com proveito tanto os pré-historiadores como os geó-grafos, com interesse, todos os demais amantes das coisas da Terra e do Homem.

J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA

ÍNDICE DE REVISTAS PORTUGUESAS ARTIGOS DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO

Arquivo de Beja (Boletim da Câmara Municipal), 16 (1-4), Beja, Janeiro-Dezembro 1959 (publ. 1960):

Abel VIANA, «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo (I—Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique); II — Monumento dolménico do Barranco da Nora Velha; III — Necrópole pré-histórica da Atalaia; IV — «Villa» romana do Monte do Meio; V — Análise espectrográfica de algumas peças metálicas pré-históricas do Museu Regional de Beja; VI — Tesouro monetário de São João dos Caldeireiros), 3/48.

Fernando Nunes RIBEIRO, «Lucernas romanas de Peroguarda», 79/102.

Idem, 17 (1-4), Beja, Janeiro-Dezembro 1960:

Fernando Nunes RIBEIRO, «Pré-história e a origem de Beja», 3/113.

Abel VIANA, «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo (I a IV — Senhora da Cola; V — Monumento da Nora Velha; VI — Necrópole pré-histórica da Atalaia; VII — Àcerca de Marchique; VIII—Comunicações várias; IX—Batalha de Ourique; X —Notas), 138/231.